

O LETRAMENTO DIGITAL A PARTIR DE UM CONTEXTO LOCAL: EEEM ANTONIO GONDIM LINS

LETRAMENTO DIGITAL EM UN CONTEXTO LOCAL: EEEM ANTONIO GONDIM LINS

Teodomiro Pinto Sanches Neto*

Resumo: Com o presente artigo abre-se mais uma oportunidade de discutir práticas de letramento e formação continuada de um grupo de professores da educação pública estadual do município de Ananindeua – Pa. Partilho a discussão com diversos teóricos da educação e da linguagem, com a qual se torna possível compreender o uso que o professor faz de diversos gêneros discursivos que circulam no seu cotidiano, especialmente no que diz respeito aos gêneros do discurso eletrônico ou gêneros virtuais em sala de aula na EEEM Antonio Gondim Lins. Dessa forma, inicio uma discussão voltada para uma perspectiva de letramento que aborda não só a escola, mais também a cultura como forma de mudança social e local. Discuto o advento dos meios digitais, os quais trouxeram uma maneira distinta de observar a leitura e a escrita, já que, no espaço digital, isso se dá de modo diferenciado do que no papel, pois agora há uma tela e esta não está mais presente somente no computador. O artigo é parte da pesquisa de dissertação de mestrado do autor. As reflexões se ancoram no dialogismo de Bakhtin (2006), nos estudos de Coscarelli (2007), Buzato (2006) e Moran (2008) para tratar do letramento digital e nas palavras de Benjamin (1994) no envolvimento da cultura como suporte de experiência local.

Palavras-Chave: Formação continuada, Letramento digital, Dialogismo e Cultura.

Resumen: Com el presente artículo se abre una nueva oportunidad para discutir las prácticas de alfabetización y de formación continuada de un grupo de profesores de la educación pública en el distrito de Anannideua-PA. Emhos discutido con muchos teóricos de educación y lenguaje, con lo que hace posible entender el uso que los profesores hacen de los diversos géneros discursivos que circulan en la vida cotidiana, especialmente a los géneros discursivos electrónicos o aula virtual en EEEM Antonio Gondim Lins. Por lo tanto, hemos empezado una discusión centrada en la perspectiva de la alfabetización que se ocupa no sólo de la escuela, sino también la cultura, así como el cambio social y local. Discutir la llegada de los medios digitales, lo que supongamos una forma diferente de ver la lectura y la escritura, ya que en el espacio digital se lleva a cabo una manera diferente com la hoja, porque ahora hay una pantalla y esto no sólo está presente en el equipo. El artículo es parte de la tesis de maestría del autor. Las reflexiones tienen soporte em el dialogismo de Bakhtin (2006), en los estudios de Coscarelli (2007), Buzato (2006) y Moran (2008) para abordar la alfabetización digital y en palabras de Benjamin (1994) sobre la participación de la cultura en apoyo de las experiencias locales.

Palabras-clave: Educación ContinuaDA, Alfabetización Digital, Cultura y Dialogismo.

* Discente e bolsista da CAPES do Programa de Mestrado de Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia – UNAMA. E-mail: teopinto@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os estudos dos letramentos apresentam-se como um tema desafiador e instigador de pesquisa, haja vista sua importância para as práticas sociais de leitura e escrita vivenciadas na sociedade do século XXI. Nesse sentido, estudar a linguagem proporciona ao pesquisador novas descobertas e discussões, uma vez que se buscam para a educação meios de integrar a realidade cotidiana ao contexto escolar.

Dessa forma, início uma discussão voltada para uma perspectiva de letramento que aborda não só a escola, mas outras esferas da atividade humana. Nesse sentido, enfoco os cursos de formação continuada ofertado pelo Núcleo de Tecnologia Educacional – NTE Ananindeua – Pará, procurando dar continuidade a estas reflexões analisando o nível de letramento dos professores da EEEM Antonio Gondim Lins, no município de Ananindeua.

Em seguida, discuto o advento dos meios digitais, os quais trouxeram uma maneira distinta de observar a leitura e a escrita, já que no espaço digital isso se dá de modo diferenciado em relação ao papel, pois agora há uma tela e esta não está mais presente somente no computador. Surgem então outros letramentos, por isso apresentarei, nesta seção, os estudos de Coscarelli (2007) e Buzato (2006) para tratar do letramento digital.

Por fim, busco compreender, nos dizeres do sujeito, tanto os pressupostos teóricos discutidos como também algumas reflexões sobre a cultura e a linguagem, que nomeia a experiência como um legado para uma vida feliz.

1. Algumas palavras sobre o letramento

Até pouco tempo atrás as crianças iam para a escola, sentavam-se em suas cadeiras e aguardavam a professora ou professor tomar o alfabeto, a tabuada ou outras regras que foram solicitadas para serem decoradas.

O que essas crianças iriam fazer em casa ou em sua vida futura com o que aprendiam não era uma preocupação para a escola naquele momento. Havia uma determinação por parte da escola e dos professores em transmitir os conteúdos estabelecidos no intuito de se cumprir o programa proposto, na maioria das vezes, pela secretaria de educação, as quais desconheciam, às vezes, o contexto de cada escola.

Porém, o movimento de modernização e globalização trouxe uma realidade diferenciada para a educação no sentido de que as pessoas não necessitavam, para sua

vida diária, somente dos conhecimentos transmitidos na escola. Diante disso, surgiram estudos que passaram a apontar e a valorizar outros locais onde a troca de informações também era significativa. Assim, por volta de 1980, surgem os estudos do letramento.

Na tentativa de conhecer um pouco mais sobre esse acontecimento, início esta seção com algumas reflexões sobre o letramento apoiando-me em Kleiman (1995), a qual menciona que o letramento é um fenômeno que ultrapassa o ensino da leitura e da escrita realizado nas escolas.

Segundo as palavras da autora, a escola é “a mais importante das agências de letramento”, porém a escola se preocupa mais com um tipo de letramento, ou seja, com o processo de aquisição de códigos, voltando-se assim para a alfabetização. No seu ponto de vista, “outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes”. (KLEIMAN, 1995, p. 20).

Kleiman (1995) lembra também que o letramento é um conjunto de práticas sociais de leitura e escrita que circulam em um determinado grupo e que o discurso circulante neste grupo está relacionado ao papel da escrita, o que torna a interação verbal entre esses sujeitos significativa, envolvendo, dessa maneira, atividades de ler ou escrever.

As crianças quando falam sobre os contos de fada, seja na escola ou em casa, relacionam estes com algo que fora escrito, neste caso, ouviram a história ser contada por alguém e isto pode ser mencionado como um exemplo de um evento de letramento. (KLEIMAN, 1995).

os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem. KLEIMAN, (2007, p. 4).

Nesse sentido, a utilização do computador, do celular e de outros meios digitais é entendida como prática de letramento. Por isso, trago na seção seguinte o tema letramento digital para discussão, mantendo como *link* a proposta de letramento como um conjunto de práticas sociais de leitura e escrita situadas em um determinado contexto.

Segundo Buzato (2006), o tema letramento digital foi tratado no documento como “alfabetização digital” e apresentava o seguinte conceito: a aquisição de habilidades básicas para o uso de computadores e da Internet, mas também que capacite

as pessoas para a utilização dessas mídias em favor dos interesses e necessidades individuais e comunitários, com responsabilidade e senso de cidadania.

Na concepção de Buzato (2006), o termo “alfabetização digital” poderia ser definido como letramento digital, já que, em primeiro lugar, uma pessoa que não sabe usar as interfaces do computador não pode ser chamada de analfabeta, visto que ela pode estar alfabetizada no sentido tradicional da palavra e, em segundo lugar, espera-se que o cidadão, o aluno e o professor pratiquem o uso da tecnologia socialmente e que dominem os gêneros do discurso eletrônico.

A respeito dos gêneros virtuais, apromimo-me de Marcuschi (2004) o qual lembra que um dos aspectos essenciais e centrais da tecnologia é depender da escrita.

O estudo do autor aponta para a interação síncrona, onde a produção escrita é realizada em tempo real entre os participantes do evento no qual estão atuando; e assíncrona, caracterizada por um lapso temporal entre produção e recepção das mensagens entre os participantes.

Dessa maneira, Buzato (2006) elencou 11 gêneros do discurso eletrônico que utilizam a comunicação escrita como meio de interação, e entre eles os que mais desempenham um papel interativo seriam o *e-mail*, o *chat*, a lista de discussão, as aulas virtuais, a vídeo conferência, as ferramentas de edição de imagem e produção de planilhas, o fórum virtual, o *Skype* e o *whatsapp*.

Do ponto de vista da linguagem, esses gêneros virtuais estão sendo construídos sócio-historicamente nas diversas esferas da atividade humana, já que o modo de interação entre os participantes se dá no lazer, no trabalho, em casa, na família e praticamente em todos os setores da sociedade.

Assim, Buzato (2006, p.7) menciona os letramentos digitais, com o intuito de englobar a palavra letramento em suas diversas esferas, já que ela vem sendo empregada no plural:

2.Observando o contexto local

Porque nunca houve experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças

de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano. (BENJAMIN 1994, p. 115).

Começo com esse fragmento de Walter Benjamin para apresenta o lócus de minha pesquisa, escola pública periférica e frágil, “puxada ainda hoje a bonde”.

A EEEM Antonio Gondim Lins, localizada no município de Ananindeua – Pará, área metropolitana de Belém, tem matriculados 1800 alunos e conta com 56 professores das diversas disciplinas, sendo 06 de língua Portuguesa, 03 técnicos pedagógicos, 09 assistentes de secretaria, 09 assistentes de serviços gerais e funciona nos três turnos (manhã, tarde, noite).

A escola destaca no Projeto Político Pedagógico - PPP que as ações serão integradas, potencializadas, e dinamizadas com o implemento das tecnologias, favorecendo a inclusão digital aos professores, servidores e alunos. Instrumentalizando-os para uso das diversas Tecnologias da Informação e comunicação – TIC – no cotidiano escolar.

Considerando o atual estágio de inclusão digital no Pará, a referida escola não deixa a desejar a outras, pois também não tem sala de informática educativa equipada ou mesmo internet de conexão banda larga.

Nesse sentido, o que se observa é que os professores são consumidores e usuário de tecnologias, mas não são desenvolvedores, pois não tem incentivos para introduzirem no seu cotidiano pedagógico de sala de aula conhecimentos das TIC.

a escola precisa observar o que está acontecendo nos meios de comunicação e mostrá-lo na sala de aula, discutindo-o com os alunos, ajudando-os a que percebam os aspectos positivos e negativos das abordagens sobre cada assunto. Fazer releituras de alguns programas em cada área do conhecimento, partindo da visão que os alunos têm, e ajudá-los a avançar de forma suave, sem imposições nem maniqueísmos (MORAN, 2002, p. 29).

Percebe-se que a inclusão digital no espaço escolar é algo dinâmico e a formação do professor é determinante para que o aluno tenha acesso à informação e conhecimento dispostos por vários meios tecnológicos.

A discussão a respeito da formação continuado do professor não é nova, mas tomou ares diferentes com a Lei 9394/96 – LDB – Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que em seu artigo 62 versa sobre o domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a formação moderna, educação profissional

vinculada à ciência e tecnologia, além de pesquisa e investigação visando o desenvolvimento da ciência e tecnologia.

Assim, o professor, além de ter arcabouço teórico e prático de sua área de conhecimento, deverá dominar as novidades tecnológicas, entender que a sala de aula não é mais um espaço restrito a escola, que por isso mesmo o letramento digital fará parte de sua formação.

Mas, o que é letramento digital? Para abordar o letramento digital foi preciso entender a definição ou conceitos de letramento, termo incorporado na área das ciências sociais, linguísticas e da educação. Aqui temos mais um conceito de letramento: “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, o estado ou a condição de que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita” (SOARES, 2006, p.75).

Souza (2007) define o letramento em dois tipos: restrito e amplo. No caso restrito o docente é apenas um repassador de informações, utilizando programas, mas sem um olhar crítico. Enquanto que no uso amplo das tecnologias o docente deverá ter o entendimento sócio-histórico e cultural das tecnologias e como o letramento digital influenciará em suas aulas.

Nesse sentido, Soares (2006) afirma que o professor deverá entender o letramento digital como um conjunto de práticas sociais e culturais, que se entrelaçam continuamente por meio de dispositivos digitais (*email, site, fórum, chat* e outros) para conjuntamente com o aluno descobrir novas possibilidades de aprendizagem. Observa-se que as abordagens aqui definidas ratificam as anteriores.

Em suma, o letramento digital é uma realidade, mas precisam ser desenvolvidas estratégias pedagógicas em seus mais variados espaços e instituições educacionais para colocar em prática e enfrentar os desafios postos em questão.

CONCLUSÃO

Constatou-se que o assunto do presente artigo não esgota-se em si mesmo e aponta para sucessivas demandas e inquietações acerca da formação continuada de professores. Por isso mesmo a conclusão não é fim, mas sim começo de outras possibilidades e aspectos de reflexão dentro da escola.

O professor foi visto como provocador de discussões no ambiente escolar mediado pela tecnologia e por práticas educativas. No entanto, nossos espaços ainda deixam a desejar, pois faltam equipamentos adequados e funcionais na escola.

Percebeu-se também a falta de equipamento adequado para o desenvolvimento de práticas educativas envolvendo os conteúdos dos gêneros digitais.

Portanto, o artigo tenta fazer um recorte da inserção das novas tecnologias na escola, considerando significativamente o papel do professor, bem como suas práticas de letramento e gênero digital. Onde a experiência com letramentos diversos fará a diferença.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BENJAMIN, Walter, 1892 – 1940. *Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Obras escolhidas; v.1)

BUZATO, M. *Letramentos Digitais e formação de professores*. São Paulo: Portal Educare, 2006.

COSCARELLI, C. V. *Alfabetização e Letramento Digital*. In: COSCARELLI, Carla Viana, 2007.

KLEIMAN, Â. B. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 32, n 53, dez 2007. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/242/196>. Acesso em: 16 dezembro. 2013.

_____. *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs). *Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MORAN, José Manuel. *Novas Tecnologias e mediações pedagógicas*. Campinas, São Paulo: Papirus, 14ª Ed, 2008.

SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. 2006. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Educ. Soc. Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160. Acesso: 12 de março 2013.

SOUZA, V.V. Soares. Letramento digital e formação de professores. *Revista Língua Escrita*, n. 2, dez. 2007.

Recebido em: 08.03.2014
Aceito para publicação em: 02.05.2014